

**INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA**

DENISE LIMA GOMES DA SILVA

A escrita feminina:  
uma análise das representações de gênero nos contos de Augusta Faro

JOÃO PESSOA,  
2018.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Denise Lima Gomes da Silva

A escrita feminina:

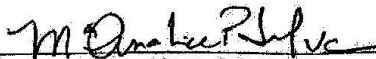
uma análise das representações de gênero nos contos de Augusta Faro.

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Analice Pereira da Silva

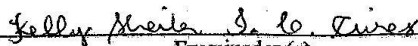
Aprovado em 16 de outubro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**



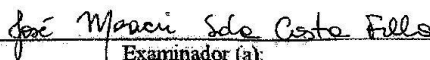
Presidente: Orientadora

Dra. Maria Analice Pereira da Silva (IFPB)



Examinador (a):

Dra. Kelly Sheila Inocência Costa Aires (IFPB)



Examinador (a):

Dr. José Moacir Soares da Costa Filho (IFPB)



## **AGRADECIMENTOS**

A todos aqueles que estiveram ao meu lado no período desta licenciatura, em especial a minha orientadora Maria Analice Pereira da Silva, pelo incentivo, pela leitura atenta e carinhosa, pelas reflexões e sugestões, e, por aceitar percorrer comigo o caminho deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como proposta uma análise das representações de gênero nos contos *A gaiola*, *A ceia de Aninha* e *Gertrudes e seu homem* da escritora brasileira Augusta Faro. Procuramos observar a forma como as personagens constroem suas identidades e transitam pelos papéis de gênero. Tomamos como aporte teórico o diálogo entre os Estudos Culturais, no que se refere à noção de identidade, as Teorias de Gênero e a Literatura. A pesquisa é qualitativa e de natureza bibliográfica. Na análise podemos observar que as relações de gênero, nos contos, denunciam a violência simbólica vivida pela condição feminina na estrutura dominante patriarcal, mostrando a maneira como a desigualdade é naturalizada nas ações, nos pensamentos e nos corpos.

Palavras-chave: gênero, identidade, cultura, literatura

## ABSTRACT

This work has as proposal an analysis of the representations of genre in the stories *A Gaiola*, *A ceia de Aninha e Gertrudes e seu homem*, of the Brazilian writer Augusta Faro. We look at how the characters construct their identities and move through gender roles. We take as a theoretical contribution the dialogue between Cultural Studies, regarding the notion of identity, Gender Theories and Literature. The research is qualitative and bibliographical in nature. In the analysis we can observe that the gender relations, in the stories, denounce the symbolic violence experienced by the feminine condition in the patriarchal dominant structure, showing the way in which inequality is naturalized in the actions, the thoughts and the bodies.

Keywords: gender, identity, culture, literature

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1</b>	<b>. Identidade, sujeito e pós-modernidade.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2</b>	<b>. Sexo, Gênero e Corpo.....</b>	<b>12</b>
<b>2.3</b>	<b>. Questões de teoria do conto.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>19</b>
<b>4.1</b>	<b>. Aninha e Gertrudes e suas dores.....</b>	<b>19</b>
<b>4.2</b>	<b>. Gaiola: o destino esquerdo.....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>27</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta analisar a representação da identidade feminina nos contos: *A Ceia de Aninha*, *A Gaiola*, publicados no livro *a Friagem* (FARO, 2001) e *Gertrudes e seu homem*, publicado na coletânea *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. (RUFFATO, 2004) Os contos são da escritora brasileira Augusta Faro. Procuramos refletir sobre a construção das personagens femininas e sua relação com a estrutura ideológica dominante, no caso, a patriarcal. A análise procura observar de que forma as personagens transitam pelos papéis de gênero e procuram solucionar o caráter conflituoso da sua condição existencial. Tomamos como aporte teórico o diálogo entre os Estudos Culturais, as Teorias de Gênero e a Literatura.

Em Candido (2000) e Moser (1998) podemos perceber o diálogo estabelecido entre a Literatura e os Estudos Culturais enquanto horizonte frutífero na abordagem da produção literária. A interação entre os campos aponta caminhos para a compreensão da maneira como o texto literário resgata e problematiza aspectos que atravessam as práticas culturais. Dentro do vasto universo que abarca os Estudos Culturais, nos deteremos, neste trabalho, na questão da identidade abordada por Stuart Hall (1997; 2006; 2011) e Zygmunt Bauman (2005). Ambos os teóricos abordam o caráter fluido da identidade na pós-modernidade e refletem sobre a crise instaurada na concepção do sujeito do iluminismo, baseada na concepção cartesiana de um indivíduo centrado e unificado. Concepção que será abordada também nas teorias de gênero propostas por Scott (1990; 1992; 1999), Haraway (2000), Lauretis (1994), Butler (2013; 2014; 1986; 1986a) e pela reflexão de Bourdieu (1996; 1998; 2002).

É importante destacar a contribuição das teorias feministas no que se refere ao conceito de gênero como aporte de análise. Essas teorias nos permitem observar de que forma as construções historicamente marcadas (re)produzem universos culturais que legitimam as formas de pensar o masculino e o feminino. Embora não elabore uma teoria de gênero, a leitura proposta por Pierre Bourdieu (1996; 1998; 2002) é importante para este trabalho, uma vez que aponta maneiras de apreender a lógica simbólica da dominação.

Portanto, este trabalho é composto por quatro partes: no primeiro momento; aborda a questão da identidade e o seu caráter fluido, no segundo momento; reflete sobre a noção de gênero, no terceiro momento; aborda questões sobre a teoria do conto e por fim; no quarto momento, procura analisar os contos em questão.



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 . Identidade, sujeito e pós-modernidade

Uma das discussões centrais sobre a questão da identidade encontra-se como coloca Woodward (2011) na tensão entre as perspectivas essencialistas e não essencialistas. Se de um lado, a definição essencialista da identidade contempla a ideia de que existe um conjunto cristalino, autêntico de características que não se altera ao longo do tempo; de outro, a perspectiva não essencialista, busca olhar as formas pelas quais as definições mudam ao longo de um percurso.

Woodward (2011) defende que existem questões mais profundas que ultrapassam a fronteira desse binarismo. É preciso levar em consideração que a identidade está vinculada a processos históricos que envolvem aspectos sociais, políticos e econômicos e cada um deles a constrói e reconstrói de diferentes maneiras. Neste âmbito, a autora defende ser pertinente observar a maneira como as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas e ainda por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade oferecem. “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade.” (WOODWARD, 2011, p. 19).

De acordo com Bauman (2005), a questão da identidade surge porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a comunidade. É porque existem tantas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolve uma comunidade de indivíduos que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas feitas anteriormente, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis.

Os discursos e, conseqüentemente, os sistemas de representação constroem lugares em direção aos quais os sujeitos respondem, como observa Woodward (2011). Sem esquecer que toda prática de significação envolve relações de poder, inclusive poder para definir quem é “incluído” ou “excluído” em um determinado constructo, a autora irá dialogar com Hall (1997) quando coloca que é preciso examinar a forma como a identidade se insere no circuito da cultura, assim como também, a forma como a identidade e a diferença se relacionam com a discussão sobre a representação.

De acordo com Hall (1997), para que possamos examinar os sistemas de representação é necessário analisar a relação entre a cultura e o significado. Os sistemas de representação envolvem as práticas de significação e os sistemas simbólicos, ao mesmo tempo em que produzem significados, produzem também identidades, nas quais os sujeitos são posicionados por meio de

representações.

Para Hall o termo identidade significa:

o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares, e por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. (HALL, 2011, p. 111-112)

De acordo com Silva (2011), identidade e diferença são inseparáveis. Em um primeiro momento, a identidade parece conter em si uma certa positividade, pode ser definida como simplesmente aquilo que sou: sou mulher, sou negra, sou nordestina. Entretanto, como assevera Silva (2011), a afirmação “eu sou”, como por exemplo, “eu sou nordestina” expressa uma cadeia extensa de expressões negativas de identidade, de diferenças, dizer “eu sou nordestina” significa dizer “eu não sou paulista”, “não sou gaúcha”. Sendo assim, as afirmações sobre identidade só fazem sentido em sua relação com as afirmações de diferença.

De acordo com Silva (2011), identidade e diferença partilham uma importante característica: elas resultam de criações linguísticas, o que significa dizer que são criadas por meio de atos de linguagem. Neste ponto da exposição, Silva (2011) recorre ao pensamento pós-estruturalista de Derrida. Em Derrida (1976) o caráter indeterminado da linguagem é pensado em virtude do conceito de signo. O signo é um sinal, um traço que está no lugar de outra coisa. O signo não é o referente, mas está em lugar de. O signo seria a promessa da presença e pela sua incompletude, carregaria em si o traço daquilo que substitui, como também, o traço daquilo que não é, isto é, a diferença. Sendo assim, seguindo essa perspectiva colocada pelo autor, a linguagem se apresenta enquanto estrutura instável.

Ao relacionar a noção de diferença e de identidade enquanto atos de linguagem a partir do pensamento de Derrida, Silva levanta uma questão importante: “na medida em que são definidas, em parte, por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade.” (SILVA, 2011, p. 80). Silva (2011) chama atenção para o fato de que a identidade e a diferença são instáveis e indeterminadas, tanto quanto a linguagem da qual dependem, uma vez que a linguagem enquanto sistema de significação é uma estrutura instável. Como afirma Hall:

é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e

institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação de diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional - isto é uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras inteiriças, sem diferenciação interna. (HALL, 2011, p. 109).

Para Hall (2006), o homem, inserido num contexto fragmentário, vive sob o signo da pós-modernidade. Descentrado das concepções iluministas, o homem pós-moderno vive um novo estágio de sua identificação, incluído na diversidade de culturas do mundo globalizado, onde as identidades vão sendo constantemente construídas e reconstruídas. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas. Os descentramentos do sujeito, de acordo com o autor, ocorrem através de uma série de rupturas nas áreas do conhecimento. Hall (2006) aponta cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas, na segunda metade do século XX, que contribuíram para esses deslocamentos do sujeito moderno.

O primeiro descentramento surge com a reinterpretação, na década de 60, do século 20, dos trabalhos de Karl Marx. De acordo com Hall (2006), ao afirmar que os homens fazem a história, sob as condições que lhes são dadas, Marx teria deslocado duas proposições chave da filosofia moderna: a primeira é a concepção de que há uma essência universal de homem e a segunda complementar, é a de que essa essência é o atributo de cada indivíduo singular, o qual é seu sujeito real.

O segundo descentramento veio com a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud. Com a teoria de Freud, o sujeito cognoscente e racional constituído por uma identidade fixa e unificada foi substituído por um sujeito, cuja identidade, sexualidade e a estrutura de desejos eram formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente que funcionariam de acordo com uma lógica diferente daquela da razão do sujeito de Descartes. A identidade, afirma Hall, “surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser visto por outros” (HALL, 2006, p. 39).

O terceiro descentramento surge com base nos estudos linguísticos de Ferdinand de Saussure. De acordo com Hall (2006), Saussure considera que a língua é um sistema social e não um sistema individual, e que ela preexiste a nós. Os significados surgem nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior da língua, não sendo, portanto fixos, transportando com elas o eco de outros significados.

O estudo do filósofo e historiador Michel Foucault e sua genealogia do sujeito moderno caracteriza o quarto descentramento. Segundo Hall (2006), Foucault destaca o que ele chama de poder disciplinar. O poder disciplinar, representado nas instituições como quartéis, escolas, prisões, hospitais e clínicas, está preocupado em primeiro lugar com a regulação, a vigilância, o governo da espécie humana ou de populações inteiras, e, em segundo lugar, com o indivíduo e com o corpo.

O quinto descentramento é marcado pelo impacto do feminismo, como veremos mais adiante. Movimento considerado tanto pelo seu valor crítico teórico, quanto como movimento social, o feminismo levantou questionamentos importantes, como por exemplo: a distinção entre privado e público; a forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados, politizando a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas); a noção de homens e mulheres como parte da mesma identidade, a humanidade substituindo-a pela questão da diferença sexual, entre outras contribuições.

Com a descrição dos cinco descentramentos, Hall (2006) procura mostrar como o sujeito do iluminismo caracterizado por uma identidade fixa e estável foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno. Na modernidade tardia as identidades não são unificadas, nem singulares, elas estão cada vez mais fragmentadas e fraturadas, multiplamente construídas em discursos, práticas e posições, constantemente em processo de mudança e transformação.

Destacando também a arena fluida sobre a qual a identidade se move, Bauman (2005) destaca que a identidade, assim como o sentimento de pertença, não tem a solidez de uma rocha, nem garantia para toda uma vida, pelo contrário, é bastante revogável e negociável. A maneira como agem os indivíduos, os caminhos que percorrem, as decisões que tomam, são fatores cruciais tanto para o pertencimento, quanto para a identidade. Em outras palavras, “a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada” (BAUMAN, 2005, p. 18). As identidades flutuam no ar, enfatiza o autor, algumas são de nossa própria escolha, outras não, são infladas e lançadas a nossa volta pelas pessoas.

É justamente enquanto prática discursiva fluida que olhamos a questão da identidade feminina, que por sua vez, tem sido amplamente discutida nas teorias sobre gênero pelas pesquisas realizadas por Scott (1990; 1992; 1999), Haraway (2000), Lauretis (1994), Butler (2013; 2014; 1986; 1986a) e pela reflexão de Bourdieu (1996; 1998; 2002).

## 2.2. Sexo, gênero e corpo

De acordo com Joan Scott (1992), a história das mulheres surge como campo definível principalmente a partir da década de 60 do século XX. Os estudos feministas nascem influenciados pelo movimento dos direitos civis. Entretanto, é importante lembrar que as décadas de 1920 e 1940 foram marcadas por importantes discussões sobre a questão da mulher, a exemplo dos escritos de Virginia Wolf e de Simone de Beauvoir.

No imenso universo sobre a questão da mulher, Scott (1990) observa que podemos verificar três posições teóricas que as feministas empregam nas abordagens de análise do gênero: a teoria do patriarcado, a teoria marxista e a teoria psicanalítica. De maneira geral, a teoria do patriarcado questiona a desigualdade entre homens e mulheres e localiza a opressão na manipulação masculina da sexualidade feminina; a teoria marxista acredita que a opressão é fruto das estruturas sociais e econômicas da sociedade; e a teoria psicanalítica defende que a subjetividade feminina se constrói em uma cultura sexista.

Scott (1999, p. 203) defende que o feminismo necessita de “teorias que possam analisar o funcionamento do patriarcado em todas as manifestações - ideológicas, institucionais, organizativas, subjetivas, explicando não somente a continuidade, mas também as mudanças no tempo”. A corrente pós-estruturalista é, para a autora, um caminho possível para analisar as construções de significado e as relações de poder que discutem as categorias unitárias e universais, e tornam certas noções que são geralmente consideradas como naturais, a exemplo, da definição de homem e mulher. Scott (1990) propõe, então, que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos , e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14).

De acordo com Lauretis (1994) nos escritos feministas e nas práticas culturais dos anos 60 e 70 do século XX, o conceito de gênero enquanto diferença sexual se encontra no centro da crítica da representação, do questionamento de teorias de subjetividade e textualidade, de leitura e escrita culturais. O conceito de gênero centrado na diferença sexual sustentou as intervenções feministas na arena do conhecimento formal e abstrato, nas epistemologias das ciências sociais e humanas, elaborando práticas e discursos específicos e espaços sociais como grupo de mulheres, núcleo de mulheres, estudo sobre a mulher, nas quais a noção própria de diferença sexual pudesse ser analisada.

De acordo com Lauretis (1994), pensar o gênero enquanto diferença sexual é pensar na diferença biológica entre homem e mulher. A autora observa que o conceito de gênero enquanto

diferença sexual impõe duas limitações ao pensamento feminista. A primeira limitação é que o pensamento crítico feminista fica restrito ao arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo, isto é, a mulher como diferença do homem, com ambos universais; ou a mulher como diferença pura e simples, como diferenças das mulheres. E uma segunda limitação é que esta noção reacomoda o pensamento feminista sem romper os limites da casa patriarcal.

Lauretis (1994) defende, então, a necessidade de um conceito de gênero que não seja preso à diferença sexual e sugere pensar o gênero a partir de um diálogo com Foucault que vê a sexualidade como uma tecnologia sexual. Diz a autora: “propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas cotidianas.” Sendo assim, da mesma maneira da sexualidade, o gênero não é algo existente a priori nos seres humanos, nem uma propriedade de corpos, mas “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, por meio do desdobramento de uma complexa tecnologia política.” (LAURETIS, 1994, p. 208).

Lauretis (1994) defende que o gênero é uma representação, isto é, tem implicações concretas, sociais, tanto quanto subjetivas, na vida material das pessoas; a representação do gênero é sua construção, e por ser uma representação é uma construção, o que implica dizer que a cultura é um registro da história dessa construção; e essa construção também acontece por meio da desconstrução que rompe ou desestabiliza a representação. “O termo “gênero” é uma representação não apenas no sentido de que cada palavra, cada signo, representa seu referente, seja ele um objeto, uma coisa, ou um ser animado. O termo “gênero” é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria.” (LAURETIS, 1994, p. 210).

De acordo com Haraway (2000), na mudança de uma sociedade industrial para um sistema polimorfo informacional, os dualismos orgânicos e hierárquicos que ordenaram o discurso no "ocidente", desde Aristóteles, e as dicotomias aí envolvidas entre mente e corpo, animal e humano, organismo e máquina, público e privado, natureza e cultura, homens e mulheres, primitivo e civilizado, estariam todas ideologicamente em questão.

Mas como questionar este sistema epistemológico/ontológico? Qual a melhor maneira de problematizar as categorias de significação que sustentam a hierarquia dos gêneros? Estas são algumas questões colocadas por Butler (2013). A autora defende que não há a existência de uma estrutura originária que as identidades imitem, este deslocamento constitui uma fluidez de identidades que sugere uma abertura a re-significação e à recontextualização.

Gênero em Butler (2014) não é precisamente o que alguém “é” nem o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se

manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Sendo assim gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas também pode ser o aparato através do qual masculino e feminino podem ser desconstruídos e desnaturalizados. Como podemos observar na citação abaixo:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primaria e estável. (BUTLER, 2013, p. 195)

Butler (2013) desfaz a distinção sexo/gênero e argumenta que não existe sexo que não seja desde sempre gênero. O sexo não é visto mais como uma verdade interior de predisposição e de identidade, mas sim uma significação performativa ordenada. De acordo com a autora, todos os corpos são generificados desde o início de sua existência social, não existindo assim um corpo natural que preexista a sua inscrição na cultura. O gênero é assim “a continuação da estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo”, para produzir uma aparência natural do ser. (BUTLER, 2013, p. 59).

De acordo com Salih (2016), Butler ao rejeitar a distinção sexo e gênero, afirmando até mesmo que sexo é gênero em sua obra *Problemas de Gênero*, nos leva a pensar que o corpo não pode existir fora do discurso generificado, sendo assim, não existe nenhum corpo que não seja, já e desde sempre generificado. Entretanto, Salih (2016) chama atenção para o fato de que isto não significa dizer que não exista aquilo que é o corpo material, mas sim que apenas podemos apreender essa materialidade através do discurso. Como é possível observar na colocação de Butler (1986) quando afirma que:

As a locus of cultural interpretations, the body is a material reality which has already been located and defined within a social context. The body is also the situation of having to take up and interpret that set of received interpretations. No longer understood in its traditional philosophical senses of 'limit' or 'essence', the body is a field of interpretive possibilities, the locus of a dialectical process of interpreting anew a historical set of interpretations which have become imprinted in the flesh. The body becomes a peculiar nexus of culture and choice, and 'existing' one's body becomes a personal way of taking up and reinterpreting received gender norms. To the extent that gender norms function under. (BUTLER, 1986, p.45)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Como um locus de interpretações culturais, o corpo é uma realidade material que foi situada e definida em um contexto social. O corpo é também a circunstância de termos de assumir e interpretar esse conjunto de interpretações que nos foram transmitidas. Não mais entendido em seus sentidos filosóficos tradicionais de "limite" ou "essência", o corpo é um campo de possibilidades interpretativas, o locus de um processo dialético de interpretar novamente um conjunto histórico de interpretações que se tornaram impressas na carne. O corpo se torna um nexo peculiar de cultura e escolha, e “existir” o corpo se torna uma maneira pessoal de

Se o corpo se torna um nexos peculiar entre cultura e escolha, o que determina tal escolha? Existe algo que a determina? De acordo com Salih (2016) escolha para Butler não quer dizer um agente livre ou uma pessoa que se coloca fora de seu gênero e simplesmente o seleciona, uma vez que seria impossível acontecer, porque a pessoa já é o seu gênero e a escolha é sempre limitada desde o princípio.

De acordo com Butler (1986a) escolher um gênero significa interpretar as normas existentes de gênero, seria mais um projeto tácito para renovar a nossa história cultural segundo nossos próprios termos do que um ato radical de criação. “ This is not a prescriptive task we must endeavor to do, but one in which we have been endeavoring all along”<sup>2</sup>, afirma Butler (1986a, p.508). Sendo assim, como defende a autora, se aceitarmos o corpo como uma situação cultural, então a noção de um corpo e, de fato, um "sexo" natural parece cada vez mais suspeito.

De acordo com Salih (2016) o que Butler quer dizer é que o gênero é uma sequência de atos que está sempre e inevitavelmente ocorrendo, uma vez que é impossível alguém existir como um agente social fora dos termos do gênero. Sendo assim, Butler situa gênero, sexo e consequentemente corpo, no contexto dos discursos regulatórios pelos quais são enquadrados e formados, de modo a tornar evidente o status construído em oposição ao natural destas categorias.

Embora Bourdieu não elabore um conceito de gênero, consideramos, a maneira com que o autor aborda os processos de naturalização da lógica androcêntrica, frutífera para o nosso trabalho. Bourdieu (2002) enxerga a dominação masculina, e o modo como é imposta e vivenciada, resultante da violência simbólica exercida essencialmente por vias da comunicação e do conhecimento.

De acordo com Bourdieu (1998) homens e mulheres constroem o mundo social, mas fazem a partir de normas e categorias que são construídas pelo mundo. Gênero, raça, classe e outras distinções sociais são construídas socialmente, existindo condições e mecanismos e agentes sociais de construção, inclusive o Estado que, na visão do autor, é um grande agente que atua na mediação da ideia de identidades legítimas.

Bourdieu (2002) defende que a força da ordem masculina se evidencia no fato de que dispensa justificção, a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem a necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la, como observa o autor:

A masculinidade está costurada no habitus, em todo habitus, tanto o homem quanto da mulher. A visão androcêntrica do mundo é o senso comum do nosso mundo

---

assumir e reinterpretar as normas de gênero transmitidas. Na medida em que as normas de gênero funcionam. (tradução nossa)

<sup>2</sup> Esta não é uma tarefa prescritiva que devemos nos esforçar para fazer, mas uma em que nos empenhamos o tempo todo. (tradução nossa)



porque é imanente ao sistema de categorias de todos os agentes, inclusive as mulheres. (BOURDIEU, 1998. p. 23).

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas para falar do que é normal ou natural. Perpassa as estruturas cognitivas e sociais, funcionando como sistemas de percepção, de pensamento e de ação. O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão, coloca Bourdieu (2002). Entretanto, por maior que seja a concordância entre as divisões objetivas do mundo social e os princípios subjetivos, existe sempre lugar para lutas cognitivas sobre o significado do mundo e em particular sobre as realidades sexuais, defende o autor.

### **2.3 Questões de teoria do conto**

O conto, conforme coloca Magalhães Júnior (1972), além de ser a mais antiga forma de expressão literária de ficção, é também a mais generalizada, existindo mesmo entre povos sem o conhecimento da linguagem escrita. Das formas orais para a escrita, o conto evolui de estruturas simples e breves para as mais longas, complexas e rebuscadas. E é justamente no século XIX que o conto adquire uma maioria literária e características precisas, revigorando-se de forma excepcional pelas mãos de autores como Edgar Allan Poe e, no Brasil, Machado de Assis.

De acordo com Magalhães Júnior (1972) são numerosas as definições de conto, tão numerosas e consecutivas que, conforme o autor, Mario de Andrade chegou a afirmar em tom de gracejo que: conto é tudo o que o autor diz que é conto. Seguindo esta definição Magalhães Júnior (1972, p.12) irá propor que o conto pode ser definido como: “tudo aquilo que, pela leitura reconhecemos e aceitamos como conto, ainda que o próprio autor nos afirma o contrário.”

De acordo com Bosi (1977), o conto, enquanto ficção contemporânea, assume um caráter plástico, assumindo diversas formas, não sendo, portanto, possível encaixar a forma conto no interior de um quadro fixo de gêneros. O conto transita entre as exigências da narração realista, aos apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ora é quase-documento folclórico, ora é quase-crônica da vida urbana, ora quase-drama do cotidiano burguês, ora quase-poema do imaginário.

Para Cortázar (2008), não existem leis que regem o conto, no máximo cabe falar de ponto de vista, de certas constantes que dão uma estrutura a esse gênero tão pouco classificável, o conto é “tão difícil de definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário.” afirma o autor. (CORTÁZAR, 2008, p. 149)

Comparando o conto ao romance, Cortázar (2008) afirma que o conto parte da noção de limite, e em primeiro lugar de limite físico, neste sentido o romance e o conto podem ser comparados com o cinema e a fotografia, na medida em que um filme é em princípio uma ordem aberta, enquanto que a fotografia pressupõe uma limitação prévia. No cinema, assim como no romance, a captação da realidade é ampla e multiforme, alcançada mediante o desenvolvimento de elementos parciais, acumulativos, numa fotografia, assim como o conto, existe a necessidade de escolher e limitar a imagem ou o acontecimento que sejam significativos. O romance ganha sempre por pontos, enquanto que, o conto ganha por knock-out, afirma Cortázar.

O contista sabe que não pode proceder acumulativamente, que não tem o tempo por aliado, seu único recurso é trabalhar em profundidade, verticalmente, seja para cima ou para baixo do espaço literário. [...] O tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal. (CORTÁZAR, 2008, p.152)

Em suas duas teses sobre o conto, Piglia (2000) define o conto a partir de suas histórias. Em sua primeira tese, o autor defende que um conto sempre conta duas histórias, no qual o contista narra em primeiro plano a história 1 e constrói em segredo a história 2. A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1, sendo o relato secreto narrado de um modo elíptico e fragmentário. E a segunda tese é a de que a história secreta é a chave da forma do conto e suas variantes. Como coloca Piglia (2000), cada uma das histórias acontece de modo distinto, sendo que o ponto de intersecção é o fundamento da construção :

Cada una de las dos historias se cuenta de modo distinto. Trabajar con dos historias quiere decir trabajar con dos sistemas diferentes de causalidad. Los mismos acontecimientos entran simultáneamente em dos lógicas narrativas antagónicas. Los elementos esenciales de un cuento tienen doble función y son usados de manera diferente em cada una de las dos historias. Los puntos de cruce son el fundamento de la construcción. (PIGLIA, 2000, p.106)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Cada uma das duas histórias é contada de forma diferente. Trabalhar com duas histórias significa trabalhar com dois sistemas diferentes de causalidade. Os mesmos acontecimentos entram simultaneamente em duas lógicas narrativas antagónicas. Os elementos essenciais de um conto têm uma dupla função e são usados de maneira diferente em cada uma das duas histórias. Os pontos de intersecção são o fundamento da construção. (tradução nossa)

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho consiste numa pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, tendo como corpus de análise os contos *A Ceia de Aninha*, *Gertrudes e seu homem* e *A Gaiola*, da escritora brasileira Augusta Faro, tomando como aporte teórico o diálogo entre os Estudos Culturais, no que se refere às questões de identidade, às Teorias de Gênero e ao texto literário. Propomos analisar as personagens femininas dos contos mencionados, refletindo de que forma suas falas, suas ações, seus pensamentos e sentimentos transitam pelos papéis de gênero, instituídos na e pela cultura e ainda de que maneira as personagens dialogam com as questões de gênero que lhes são impostas.

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 4.1 Aninha e Gertrudes e suas dores

O conto *Gertrudes e seu homem*<sup>4</sup>, publicado em 2004 na coletânea *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, narra a história da protagonista Gertrudes. Gertrudes é dona de um ateliê de costura e é casada com Romão, um viajante. A trajetória da personagem se passa em uma cidade pequena. O conto *A Ceia de Aninha*, publicado em 2001, no livro *A friagem*, é narrado em um dia apenas da vida da protagonista, o dia da ceia de natal, entre os preparativos para a festa, a ceia e a saída dos convidados. Aninha tem um casal de filhos e, em virtude do casamento com Mário, deixa a pequena cidade onde nasceu para viver na cidade grande.

Logo no início da narrativa o sofrimento é associado à figura da protagonista Gertrudes. O narrador revela que antes de tudo Gertrudes é uma mulher amarga e imensamente solitária, sugerindo a profunda angústia em que se encontra a protagonista ao afirmar que: “as amarguras de Gertrudes doíam na alma tropeçante de quem parasse um pouquinho só para observá-las. Havia um sorriso de penumbra sempre lhe embaçando o olhar cor de chuva, de tormento, de desvairo e de profunda solidão” (FARO, 2004, p. 127). Em condição semelhante se encontra Aninha. Entretanto, diferente de Gertrudes, Aninha não deixa transparecer a dor, é a beleza a sua grande aliada. “Sabia e ressabia: era bonita, às vezes até demais. Esses profundos olhos azuis, pele de pêssego, perfil de camafeu. Trunfos de grande valia.” (FARO, 2001, p. 29). Aninha é uma mulher dedicada à casa e aos dois filhos. “A ceia terá toalha de renda [...] Terá também enfeites novos, coloridíssimos, como convém ser as noites natalinas.” (FARO, 2001, p. 29)

Gertrudes é uma mulher de “maturidade acalmada” que chegou só em uma cidadezinha, sem origem, de repente e sem explicação, monta um atelier de costura e rapidamente conquista a freguesia. Gertrudes é uma mulher falante, que “contava grandeza do amor de seu homem”, que “tocava a pianola”, que “dava corda nos relógios”, que “plantava lírios amarelos nos fundos da casa e girassóis no jardim”, que “fazia bolos e broa, peta e biscoitos, rocamboles com frutas cristalizadas”, que tinha sempre a “toalha rendada de branco céu e, em tudo por tudo, uma zelosa harmonia parecia dançar valsa naquele ambiente”. O interior da casa de Gertrudes era sempre “sóbrio, elegante e distinto, bonito de se contemplar” e “a sociedade amou rapidamente aquela

---

4 O conto *Gertrudes e seu homem* foi publicado no livro *Boca Benta* de Paixão da referida autora.

mulher” (FARO, 2004, p. 127-128).

Em suas ações, Gertrudes e Aninha procuram recriar um ambiente doméstico de perfeita harmonia. O perfil feminino das personagens é construído no espaço privado, na vida familiar, e reflete o crivo das imposições sociais que estruturam as relações de gênero. Gertrudes possuía um exímio talento para plantar, cozinhar, rendar, bordar e arrumar. No caso de Aninha, o casamento viera aprimorar sua vocação de brilho.

De acordo com Bourdieu (1996), a família em sua definição legítima é um privilégio social instituído como norma universal, e isso implica simbolicamente em ser como se deve ser, dentro da normalidade. No sistema patriarcal, a normalidade representada pela família se apresenta como um lugar naturalmente instituído. É justamente de um lugar naturalizado que Gertrudes e Aninha falam. As protagonistas não questionam a sua condição de existência fora do âmbito privado, encontram-se aprisionadas por um ideal de vida internalizado em nome desta normalidade. O conflito é marcado pela angústia de uma adequação ao estereótipo de gênero, reproduzido pela ideologia patriarcal, alicerçada sobre papéis institucionais. Gertrudes e Aninha criam uma “realidade” sobre si mesma e sobre sua vida, em busca deste pertencimento.

A solução encontrada por Gertrudes é construir um marido imaginário, Romão. E é em nome de Romão, cujo lugar social é assegurado, que Gertrudes conquista um espaço na cidade em que vive. Ela é conhecida pelas estórias que conta sobre o marido. O cônjuge representa aquele que outorga o lugar da protagonista na esfera pública, “a aura do marido de Gertrudes crescia com fama audível, indomável” (FARO, 2004, p.129). Romão representa, como define o narrador, um distinto cavalheiro. Em vários trechos, aparece como um homem sensível, apaixonado, corajoso e dedicado.

[...] Meu marido chegou de viagem tarde da noite, agora dorme [...] Ama o lar , mas a profissão o consome. [...] Sempre um presente acompanhava o retorno daquele rapaz escalavrado de vítrea aura impermeável e que sufocava o ambiente com um perfume de macho saudável, vigoroso [...] potro de legítima gentileza e incansável ternura [...] Ele é lindo, altão, moreno claro, tem uns olhos tão verdes como uma folha de parreira nova. É perfumado o homem [...] Ele tem as mãos longas macias [...] Esse homem veio do começo do mundo gente!!! (FARO, 2004, p.128-129).

Gertrudes ocupa na narrativa um lugar de sujeição, a desigualdade de gênero aparece nos papéis sociais em que ambos ocupam. Romão era viajante e não tinha porto, Gertrudes era costureira e tinha um atelier em casa, fato que delimita o lugar do homem na esfera pública e da mulher na esfera privada. Além disso, a protagonista silencia sobre si mesma, sobre sua vida, sobre sua existência, não reclama um lugar próprio no mundo, sua existência é centrada na figura do

marido. “Todo mundo que frequentava o ateliê de costura, sempre ouvia as estórias de Romão, esse nome sempre envolto em onírico mistério, ruídos, palpável e, sobretudo, impenetrável” (FARO, 2004, p. 128).

Como vimos em Bourdieu (2002), a divisão entre os sexos parece estar vinculada àquilo que é considerado a ordem das coisas para falar do que é normal, atravessando as estruturas cognitivas e sociais, incorporado nos corpos e nos *habitus* dos agentes. E esta divisão sexual funciona como sistemas de percepção, de pensamento e de ação. Na fala de Gertrudes, a visão patriarcal se legitima com tanta naturalidade que mina na personagem qualquer possibilidade de deslocamento. Pelo contrário, Gertrudes conduz Romão à perfeição, ao ponto de o marido se tornar objeto de desejo das moças da cidade, até que as moças resolvem invadir a casa da Gertrudes e finalmente conhecer Romão.

Ao invadir a casa de Gertrudes, as moças se deparam com aquele homem “coberto de linho puro”, “dormindo tão justo”, “repousado na beleza de um deus grego”, “era o dia do fim do mundo, ele ali verdadeiro e completo” (FARO, 2004, p.131). Podemos observar que os termos “puro”, “justo”, “verdadeiro” e “completo” corroboram para a representação romântica do personagem. Isto pode ser observado no momento da descoberta da inexistência de Romão que provoca a fúria das moças durante três dias, e no ato de amor e ódio elas estraçalharam o boneco Romão e cada uma leva para casa um pedaço. Esse pedaço aparece metaforicamente como o pedaço “daquele sonho deitado acima de todas as compreensões.” (FARO, 2004, p. 132)

Diferentemente de Gertrudes, o marido de Aninha existe, mas está ausente e esta ausência é o tormento de Aninha. O narrador não deixa claro o motivo pelo qual Mário está ausente, em alguns momentos sugere uma separação. No preparativo para a ceia, a protagonista revive, a cada gesto, as lembranças do seu casamento e a nostalgia da ausência de Mário. Antes dos convidados chegarem, Aninha checa minuciosamente todos os detalhes da ceia e fala ao telefone com seus pais. Neste momento, a protagonista é tomada por um profundo sentimento de que algo foi perdido e carregado pelo vento forte, mas logo volta a si e a preocupação com os convidados é retomada. “E a eletricidade da árvore, não daria defeito? Mário não estava. Bobagem, algum amigo faria o conserto. Nem é possível que as três árvores causassem problemas. Uma árvore para si, as outras para os meninos. Mário ausente.” (FARO, 2001, p. 29)

Como Gertrudes, Aninha preocupa-se em atender à exigência de um pertencimento ao papel tradicionalmente aceito como feminino. “E Mário? Não telefonou nem para as crianças. Novamente pensando. Stop! Sorria, olha o flash! Brilhe agora, boneca. Jogando um beijo para o espelho enorme e calado da parede de seu quarto.” (FARO, 2001, p. 31). As palavras da personagem exprimem um sentimento de cobrança sobre si mesma e uma necessidade de manter as aparências. Sendo a ceia

natalina uma celebração cristã centrada no conceito de família tradicional, é doloroso para a Aninha não estar ao lado do esposo. De acordo com Scott (1990), os conceitos normativos expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas, põem em evidência interpretações do sentido dos símbolos e limitam as possibilidades metafóricas.

É nítida nas protagonistas a incapacidade de libertação. Isso nos leva a pensar o conceito de gênero como coloca Butler (2014) que gênero é a forma como o masculino e o feminino são construídos e interiorizados. O gênero é para autora uma fabricação, que não é nem verdadeiro, nem falso, mas somente produzido como efeitos da verdade de um discurso, assumidos na superfície dos corpos.

Mesmo depois da morte, Gertrudes se encontra ligada ao cônjuge.

Ninguém nunca esclareceu, se a senhora Gertrudes teria morrido na hora exata que descobriram e violentaram seu sagrado segredo, ou se o aguaceiro lhe havia roubado a flor da vida [...] O fato é que até o último momento, ao fechar o esquite, ainda possuía o frescor dos vivos, a tristeza de quem está partindo e a saudade desmesurada de um ente querido que perdera definitivamente. (FARO, 2004, p.133).

Aninha também permanece ligada ao marido e a lembrança causa na protagonista angústia e sofrimento, isto pode ser percebido quando a personagem se encontra sozinha depois da ceia, quando todos vão embora enche a boca com algodão sintético que enrolara as bolas japonesas e chora alto, “havia tanto algodão, que enxugou o rosto e assou o nariz. Lembra-lhe a neve, muita neve. Aquela viagem à Europa, com Mário.” (FARO, 2001, p.32).

Os perfis femininos retratados em Gertrudes e Aninha refletem uma identidade profundamente marcada pela ideologia do patriarcado, centrada na idealização do masculino e construída no interior de relações de poder e exclusão. Dessa forma, podemos compreender o comportamento de Gertrudes e Aninha como coloca Lauretis (1994) que o gênero enquanto representação e auto-representação é fruto de diversas tecnologias sociais, de discursos, epistemologias, práticas críticas institucionalizadas e práticas da vida cotidiana, que têm o poder de controlar o campo do significado social e com isso produzir, promover e implantar representações.

#### **4.2 Gaiola: o destino esquerdo**

O conto *A Gaiola*, publicado em 2001, no livro *A friagem*, é narrado em primeira pessoa por uma mulher que não revela em momento algum seu nome. É pela escritura do seu corpo que aos

poucos a personagem mostra a sua condição de existência, avaliando não apenas a sua trajetória de vida, mas também a das mulheres com quem dialoga na narrativa. A nomeação do corpo é marcada pelas lembranças do passado, a consciência do presente e o desejo nostálgico de um futuro perdido.

O conto é iniciado pela lembrança do momento exato em que a personagem começa a viver sua condição de negação. Comparando-se a um pássaro na gaiola igualmente privada de liberdade, a protagonista remete à relação sexual o fato que a conduziu a um destino esquivo: o casamento. O casamento e a conseqüente servidão à ordem masculina são vistos pela personagem como algo que aniquilou brutalmente qualquer possibilidade de felicidade. O conflito gerado pelo sentimento de juventude e esperança, retomado pela memória das tranças macias e da pele veludosa, e a percepção de que seu coração havia se tornado um toco empedrado pela vida afora, evidencia desde o início o reconhecimento de um corpo abnegado

Porque minhas tranças estavam macias e lustrosas, a pele de meu rosto sabia a fruta veludosa, fresca e furta-cor, deitei-me naquele dia sob a telha de vidro da gaiola, na longa rede cheirosa de sabão preto feito em casa mesmo. Foi esse o início de um destino esquivo, que me marcou a testa a fogo e me fez arrastar uma banda do coração como um toco de carne empedrado pela vida afora. (FARO, 2001, p. 21)

Mesmo não conseguindo romper com o determinismo biológico e não demonstrando atitude de libertação, a personagem consegue refletir sobre o caráter assimétrico que permeia as relações de gênero. Ela é profundamente consciente de si e da condição desigual em que vive e não procura em momento algum subterfúgios para mascarar seu tormento. O corpo envelhecido precocemente é sentido pela protagonista como marca da maternidade e dos afazeres domésticos.

Daí mais um pouco fui embranquecendo os fios do cabelo da frente, e meus olhos acharam por bem esburacarem-se parecendo por fim a dois lagos meio verdes meio azuis, esfumaçados pela neblina que saía da chaminé daquela casa onde, à beira do fogão, encostei meu umbigo temperando as sopas dos meninos e pondo o leite pra ferver. (FARO, 2001, p. 21)

Na narrativa podemos perceber que a protagonista demonstra um desconforto em relação à concepção de naturalização. Ela não apresenta nem um sentimento de pertença, nem de adequação, nem de sacralização, mas sim de constatação da dominação, em que a condição humana é desumanizada por essa naturalização.

Porque minha bisavó, que ainda falava e orava com um fio de voz e se cobria num canto do quarto escuro, como uma mancha no ermo, dizia e repetia que crianças de dentes fortes e olhos vivos devem beber leite de cabra já que as mães se secam



muito cedo, por dentro e por fora de tanto arrancarem pedacinhos de carne e sustança do suco ossos e sangue, para sovar o dia do marido que e-vem chegando, levantando a voz como se nascesse rei e o bando de filhos seus primeiros súditos. (FARO, 2001, p. 21-22)

O corpo feminino socialmente naturalizado também é colocado em xeque quando a protagonista narra o seu cotidiano matrimonial e assume uma consciência crítica de sua relação conjugal. Em alteridade com a identidade masculina, construída pelo lugar que ocupa o marido em relação ao espaço privado, o provedor da família; e ao espaço público: a virilidade extraconjugal, a personagem reflete sobre a representação da esposa e da prostituta. Entretanto, o corpo sexuado não é percebido pela protagonista de uma maneira estereotipada, esposa e prostituta são marcadas no conto pelo mesmo destino esquerdo: a servidão.

[...] porque só ele quem pensava na casa e o resto era gente feita de barro duro e mole, mas que de alguma forma servia-lhe para ajeitar a cama, a mesa, o banho e as necessidades mais urgentes, porque as derradeiras podia arrumar nalguma esquina, de preferência naquelas casas onde as moças nem eram tristes nem eram alegres, mas deitavam tendo sempre um perfume adocicado. (FARO, 2001, p. 23)

Em meio ao seu corpo domesticado, a personagem questiona sua própria identidade, não se reconhecendo em lugar nenhum, nem no passado, nem no presente, nem no futuro, conforme podemos conferir no trecho que segue: “naquele atropelo, nem sabia mais se seria eu aquela de tranças macias, com enormes riscos de fio de ouro, ou se era aquela da parede suspensa na fotografia oval de minha tia, já entrada em anos.”(FARO, 2001, p. 22). É possível observar que a dominação patriarcal se legitima pela força da tradição expressa no corpo. Embora não haja um deslocamento nos papéis de gênero, a consciência da opressão é o elemento chave da narrativa, sendo o corpo o fio que conduz a personagem a esta interpretação da realidade.

De acordo com Butler (2014) o corpo não pode existir fora do discurso generificado, sendo assim não existe nenhum corpo que não seja, já e desde sempre generificado, isto é, que apenas podemos apreender a materialidade através do discurso. Mas isso não quer dizer que não haja possibilidade de desconstrução, uma vez que gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas também pode ser o aparato através do qual masculino e feminino podem ser desconstruídos e desnaturalizados.

Da abnegação do corpo à doença e ao corpo inútil, a personagem se encontra esquecida em um quarto. O cotidiano doméstico fez adoecer seus braços, silenciar sua voz. Quando vinham perguntar se ele precisava de alguma coisa, respondia porque “o que eu precisava ninguém me dera nunca, desde que vagi primeiro”. (FARO, 2001, p. 24) Neste estado a personagem se vê pela última

vez no espelho, “num jeito de quem veio errado viajar num mundo” (FARO, 2001, p. 24).

Não fica claro na narrativa o fim da personagem. Ao fazer referência ao espelho em que se viu pela última vez, a protagonista explicita um querer. É o único momento da narrativa que a protagonista demonstra uma vontade própria e deseja algo: as mulheres de geração vindoura não tenham suas gaiolas fechadas e estejam ávidas a voar.

Embora possamos observar a personagem profundamente marcada pela ideologia do patriarcado, a condição feminina da protagonista difere de Aninha e Gertrudes, pois existe uma atitude questionadora sobre os padrões de dominação, embora não haja condições de mudança real.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho propomos analisar os contos *A Ceia de Aninha*, *Gertrudes e seu homem* e *A Gaiola* da escritora brasileira Augusta Faro. A análise permitiu refletir a forma como as personagens transitam pelos papéis de gênero. Observamos nos contos *A Ceia de Aninha*, *Gertrudes e seu homem* que diante do fracasso do relacionamento amoroso, as personagens buscam soluções para seus tormentos. A solução encontrada por Gertrudes é a construção de um marido imaginário e Aninha, na solidão, busca apagar o vazio deixado pela ausência de Mário, embora as lembranças e as ações da protagonista sejam direcionadas ao marido.

A representação das relações de gênero entre feminino e masculino e a maneira como Aninha e Gertrudes assumem os seus lugares denunciam o sistema de opressão vivido pelas personagens. Aninha e Gertrudes não são capazes de questionar a sua condição, mas sim buscam caminhos de pertencimento a estrutura patriarcal. Existe em ambas uma impossibilidade de libertação, não há um deslocamento das personagens.

A impossibilidade de libertação também está presente na personagem do conto *A gaiola*, embora tenha consciência pela percepção da sua própria corporeidade, o caráter conflituoso de sua condição existencial como mulher. Ao contrário de Aninha e Gertrudes, a personagem questiona o seu passado doloroso, seu presente incômodo e seu futuro trágico.

A análise permitiu refletir a maneira como o texto literário problematiza as práticas culturais. Na análise observamos as formas como as construções historicamente marcadas (re)produzem universos que legitimam as formas de pensar o masculino e o feminino. A representação das relações de gênero, no conto, denuncia a violência simbólica vivida pela condição feminina na estrutura dominante patriarcal, mostrando a maneira como a desigualdade é naturalizada nas ações, nos corpos e nas formas simbólicas.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

\_\_\_\_\_. Regulação do Gênero. **Cadernos Pagu** 42. janeiro-junho de 2014.

\_\_\_\_\_. Simone de Beauvoir: Witness to a Century. **Yale French Studies**, No. 72, 1986, pp. 35-49.

\_\_\_\_\_. Variations on sex and gender: Beauvoir Wittig and Foucault. **Praxis International** 5:4 January 1986a.

BOSI, Alfredo (org). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo, Ed. Cultrix, 1977.

CANDIDO, Antonio...[et al] **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARO, Augusta. **A friagem**. São Paulo: Global, 2001.

\_\_\_\_\_. Gertrudes e seu homem. In: RUFFATO, Luiz (Org.). **25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 126-133

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011. p.103-133.

\_\_\_\_\_. **Representation cultural representations and signifying practices**. Londres: The Open University, 1997.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu de. **Antropologia do Ciborgue - as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 39-129.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do Gênero”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 207-242.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres**. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.

MOSER, Walter. Estudos literários, estudos culturais: reposicionamentos. **Literatura e Sociedade**. v. 3, p. 62-76, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/lis/issue/view/17>>. Acesso em: 22 nov. 2008.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Barcelona: Anagrama, 2000.

RUFFATO, Luiz (Org.). **25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 126-133

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. E-book kindle: Autêntica Editora, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Vol 16, n.2, p. 5-19, 1990.

\_\_\_\_\_. História das Mulheres. In. BURKER, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p.62-95.

\_\_\_\_\_. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. **Debate feminista**: São Paulo: Melhoramentos, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 7-72.